

## A confissom de Théodule Sabot

(*La confession de Théodule Sabot*)<sup>50</sup>

Quando Sabot entrava na taberna de Martinville, já começava a rir a gente. Aquel tunante de Sabot era-che bem divertido! Eis um que nom gostava nada dos curas. Nadinha de nada! Acabaria com eles, o canalha.

Sabot (Théodule), mestre carpinteiro, representava o partido progressista em Martinville. Era alto e magro, de olhos cinzentos e maliciosos, o cabelo escorrido pegado às têmporas, a boca fina. Quando dizia, daquela maneira: «O nosso santo padre o peneque<sup>51</sup>», todos se dobravam de riso. Procurava sempre trabalhar os domingos durante a missa. E todos os anos matava o porco na segunda feira da semana santa para ter morcelas até Páscoa, e quando passava o cura sempre dizia por brincadeira: «Ai vai um que acaba de engolir o seu Deus na barra.»

O cura, um home gordo e tamém mui alto, temia-o por causa do seu sarcasmo, que captava adeptos. O padre Maritime era um home diplomático, amigo dos métodos subtis. A luita entre eles já durava dez anos, umha luita secreta, encarniçada, incessante. Sabot era concelheiro. Pensava-se que chegaria a presidente da câmara municipal, o que constituiria com certeza a derrota definitiva da Igreja.

Iam celebrar-se eleiçons. O bando religioso tremia em Martinville. Mas umha manhã o cura partiu para Rouen, comunicando à sua criada que ia ao arcebispado.

Retornou dous dias mais tarde com semblante feliz, vitorioso. E todo o mundo soubo no dia seguinte que o coro da igreja ia ser totalmente restaurado. Monsenhor doara, do seu próprio bolso, umha soma de seiscentos francos.

Todas as antigas cadeiras de abeto do coro deviam ser destruídas e substituídas por outras novas de carvalho maciço. Era um trabalho de carpintaria considerável, do que se falava, aquela mesma noite, em todas as casas.

50 Publicado em *Gil Blas* em 9 de outubro de 1883, assinado como Maufrigneuse, e incluído em *Toine* (1886).

Théodule Sabot nom ria.

No dia seguinte, quando saiu pola vila, os vizinhos, amigos ou inimigos, lhe perguntavam por brincadeira:

«Que? És tu quem vai fazer o coro da igreja?»

El nom sabia o que responder, mas raivava, raivava como um cam.

Os mais maliciosos acrescentavam:

«É um bom trabalho; e pode representar, polo menos, entre douscentos e trescentos francos de benefício».

Dous dias mais tarde, sabia-se que se encarregaria a restauraçom a Célestin Chambrelan, o carpinteiro de Percheville.

Depois desmentiu-se a notícia, logo anunciou-se que tamém se substituiriam todos os bancos da igreja. Isso custava uns dous mil francos que foram solicitados ao Ministério. A comoçom foi enorme.

Théodule Sabot já nom conseguia pregar olho. Nunca, que recordasse, um carpinteiro do lugar tinha realizado um trabalho semelhante. Depois correu um rumor. Dizia-se em voz baixa que o cura lamentava ter que dar aquel trabalho a um carpinteiro de fora do município, mas que, ainda assi, as opinions de Sabot

impediam que lhe fosse confiado a el.

Sabot soubo-o. Dirigiu-se ao presbitério ao cair da noite. A criada dixo-lhe que o cura estava na igreja. E alá foi.

Duas filhas de Maria, solteironas avinagradas, estavam a adornar o altar para o mês de Maria, sob a direçom do sacerdote. Este, de pé no meio do coro, sobressaindo o seu enorme bandulho, dirigia o trabalho das duas mulheres que, subidas sobre umhas cadeiras, colocavam uns ramos de flores ao redor do sacrário. Sabot sentia-se incómodo ali dentro, como se tivesse entrado na casa do seu pior inimigo, mas a ánsia de lucro aguilhoavalhe o coração. Aproximou-se, com a gorra na mao, sem sequer prestar atençom às filhas de Maria, que permaneciam, imóveis nas suas cadeiras. impressionadas, estupefactas.

Balbuciu:

«Bom dia, senhor cura».

O sacerdote respondeu, sem olhar para el, totalmente absorto no seu altar:

«Bom dia, senhor carpinteiro».

Sabot, desorientado, nom sabia o que dizer. Mas, após um silêncio, acrescentou:

«Que? Fazendo preparativos?»

O padre Maritime respondeu:

«Si, está próximo o mês de Maria».

Sabot dixo ainda: «Vaia, vaia!», depois calou.

Agora sentia desejos de se retirar sem falar de nada, mas um olhar que lançou ao coro retivo-o. Viu dezasseis cadeiras a refazer, seis à direita e oito à esquerda, e duas mais ocupando a porta da sacristia. Dezasseis cadeiras de carvalho custavam, como muito, trescentos francos, e, dando-lhes um bom acabamento, com jeito, podiam-se ganhar com certeza douscentos francos polo trabalho.

Entom gaguejou:

«Venho pola obra».

O párroco pareceu surpreendido. Perguntou:

«Que obra?»

Sabot, desconcertado, murmurou:

«A obra que hai que fazer».

Entom o sacerdote virou-se para el e olhou-no nos olhos:

«Refere-se à reparaçom do coro da minha igreja?»

Ante o tom adotado polo padre Maritime, Théodule Sabot sentiu que um arrepio lhe percorria o espinhaço, e voltou a sentir uns desejos ardentes de sair correndo. No entanto, respondeu com humildade:

«Pois si, senhor cura».

Entom o sacerdote cruzou os braços sobre a sua enorme pança, e como paralisado polo estupor, dixo:

«E é você..., você..., você, Sabot, quem vem pedir-me isso...

Você..., o único ímpio da minha parróquia... Seria um escândalo, um escândalo público. Monsenhor repreenderia-me e talvez até me trasladaria».

Respirou uns segundos, depois prosseguiu com tom mais calmo:

«Compreendo que lhe seja penoso ver que se confia um trabalho desta importância a um carpinteiro de umha parróquia vizinha.

Mas nom podó fazer nada, a menos que... mas nom, impossível...

Você nom aceitaria. E sem isso nunca seria possível».

Sabot olhava agora a ringleira de bancos que se estendia até

a porta de saída. Céus, se houver que substituir isso todo!

E perguntou:

«Que é o que se precisaria? Diga»

O sacerdote respondeu com firmeza:

«Precisaria umha prova patente da sua boa vontade».

Sabot murmurou:

«Nom digo que, nom digo que..., talvez poderíamos entender-nos...»

O pároco declarou:

«Teria que comungar diante de todos na missa cantada do próximo domingo».

O carpinteiro sentiu-se empalidecer e, sem responder, perguntou:

«E os bancos, vam-nos refazer todos?»

O pároco respondeu categoricamente:

«Si, só que mais adiante».

Sabot prosseguiu:

«Nom digo que nom, nom digo que nom. Nom é que eu seja redibitório,<sup>52</sup> porque aceito a religiom, com certeza; o que me molesta é a prática, mas neste caso nom me mostrarei refratário».

As filhas de Maria que, tendo descido das suas cadeiras, se esconderam atrás do altar, escuitavam, pálidas de emoçom.

O cura, vendo-se vitorioso, tornou-se de repente afável, familiar:

«Mui bem, mui bem. Eis algo dito com sensatez e nom umha parvada. Entende? Já verá, já verá».

Sabot, que sorria com um ar incómodo, perguntou:

«Nom haveria maneira de adiar um pouco essa comunhom?»

Mas o sacerdote voltou adotar o semblante severo:

«Já que os trabalhos lhe vam ser encomendados, quero ter a certeza da sua conversom».

Depois continuou mais suavemente:

«Venha confessar-se manhã, porque terei que examiná-lo polo menos duas vezes».

52 A redibiçom é a anulaçom de umha venda polo comprador, quando a cousa vendida apresenta um defeito oculto. Sabot entende que na venda do seu trabalho, o seu anticlericalismo nom constitui um vício redibitório do contrato, já que aceita a religiom.

Sabot repetiu:

«Duas vezes?»

—Si.

O sacerdote sorria:

«Compreenderá que será necessário fazer-lhe umha limpeza geral, umha lavagem a fundo. Assi que o espero manhã».

O carpinteiro, mui inquieto, perguntou:

«E onde fai isso?»

—Pois... no confessionário.

—Em... naquela caixa, ali, na esquina? É que... é que...isso, a sua caixa, nom me vai.

—Por que?

—Porque..., porque nom estou acostumado a isso. E ademais som um pouco duro de ouvido.

O cura mostrou-se complacente:

«Está bem. Venha, entom, à minha casa, no meu salom.

Faremo-lo nós os dous, cara a cara. Parece-lhe bem?»

—Si, assi está bem, mas na sua caixa nom.

—Bem, até manhã, depois de concluir a jornada, às seis.

—Entendido, de acordo, conforme; até manhã, senhor cura.

Cagarolas quem dê o dito por nom dito!

E estendeu a sua mão grande e áspera, sobre a que o sacerdote deixou cair estrondosamente a sua.

O ruído da pancada ressoou sob as abóbadas e foi apagar-se no fundo, atrás dos tubos do órgão.

Théodule Sabot não esteve tranqüilo durante todo o dia seguinte. Sentia algo parecido ao temor que se tem quando há que se extrair um dente. A cada momento vinha-lhe à cabeça este pensamento: «Esta tarde terei que me confessar». E a sua alma turbada, uma alma de ateu mal convencido, enlouquecia perante o medo confuso e poderoso do mistério divino.

Dirigiu-se ao presbitério assim que rematou o seu trabalho. O cura esperava-o no jardim lendo o seu breviário ao longo de uma pequena alameda. Parecia radiante e abordou-no com uma gargalhada:

«Pois bem, aqui estamos. Entre, entre, senhor Sabot, que ninguém o vai comer».

136

Guy de Maupassant

E Sabot passou diante. Balbuciou:

«Se não lhe importa, quigera rematar o nosso pequeno assunto quanto antes».

O cura respondeu:

«Estou ao seu dispor. Aí tenho o meu sobrepeliz. Um minuto e escuto-o».

O carpinteiro, tão conturbado que não articulava duas ideias, olhava como se cobria com a branca vestimenta plissada.

O sacerdote fez-lhe um aceno:

«Ajoelhe-se sobre esta almofada».

Sabot permanecia de pé, envergonhado de ter que se ajoelhar.

Balbuciou:

«É necessário?»

Mas o sacerdote tornara-se majestático:

«Só ajoelhados podemos aproximar-nos do tribunal da penitência».

E Sabot ajoelhou-se.

O sacerdote dixo:

«Recite o *Confíteor*».

Sabot perguntou:

«O que?»

—O *Confíteor*. Se já não o recorda, repita, uma por uma, as palavras que vou dizer.

E o cura articulou a oração sagrada, com voz pausada, entoando as palavras que o carpinteiro repetia; depois dixo:

«Agora, confesse-se».

Mas Sabot não dizia nada, pois não sabia por onde começar.

Então o padre Maritime veio em sua ajuda:

«Meu filho, como não parece estar muito ao corrente, vou-lhe ir perguntando eu. Vamos repassar, um por um, os mandamentos de Deus. Escute-me e não se preocupe. Responda com sinceridade e não tema de modo algum dizer demasiado».

*Ao Senhor teu Deus adorarás e amarás sobre todas as cousas.*

—Amou alguém ou algo tanto como a Deus? Amou-no com toda a sua alma, com todo o seu coração, com toda a força do seu amor?

Sabot suave devido ao esforço mental. Respondeu:

«Não. Oh, não, senhor cura. Amo a Deus todo o que posso.

Isso sim. amo-o. Mas não posso dizer que não ame os meus filhos.

Dizer que se tivesse que escolher entre eles e Deus, isso nom o asseguro. Dizer que se tivesse que perder cem francos por amor a Deus, isso já nom o digo. Mas amo-o, com certeza, amo-o apesar de todo».

O sacerdote, sério, dixo:

«Hai que amá-lo por cima de todo».

Sabot, cheio de boa vontade, afirmou:

«Farei todo o possível, senhor cura».

O padre Maritime prosseguiu:

*Nom tomarás o Nome de Deus em vao.*

—Blasfemou algumha vez?

—Nom. Oh, isso nom! Eu nom blasfemo jamais, jamais.

Algumha vez, num momento de cólera, digo «polos pregos de Cristo!» Salvo isso, blasfémias nom digo.

O sacerdote exclamou:

«Isso é blasfemar!»

E, mui sério, acrescentou:

«Nom o faga mais». Continuo:

*Santificarás as festas.*

—Que fai aos domingos?

Desta vez, Sabot coçou a orelha.

—Pois, sirvo a Deus o melhor que podoo, senhor cura.

Sirvo-o... na minha casa. Os domingos trabalho.

O cura, magnánimo, interrompeu-no:

«Sei-no, porte-se melhor no futuro. Saltarei os três mandamentos seguintes, seguro de que nom pecou contra os dous primeiros.

Veremos o sexto junto com o nono». Prossigo:

*Nom roubarás*

—Apropriou-se, por qualquer meio, de algum bem de outro?

Théodule Sabot indignou-se:

«Ah, nom! Isso si que nom! Som um home honrado, senhor cura. Isso podoo-o jurar, com certeza. Nom nego que algumha vez contei algumha hora de trabalho de mais aos clientes habituais com mais meios; isso nom o nego. Nem que acrescento algum cêntimo nas faturas, só alguns cêntimos, isso nom o nego. Mas roubar, nom. Ah! Isso si que nom».

O cura repreendeu-no severamente:

«Subtrair um só cêntimo constitui um roubo. Nom o faga mais».

*Nom levantarás falso testemunho nem mentirás.*

—Mentiu algumha vez?

—Nom, isso si que nom. Nom som mentiroso. É umha das minhas qualidades. Dizer que nunca contei algum conto, por brincadeira, nom digo que nom. Dizer que nom figem acreditar em algo que nom era certo quando me convinha, nom digo que nom. Mas mentiroso, nom som.

O sacerdote dixo simplesmente:

«Tenha mais cuidado».

Depois proferiu:

*Nom consentirás pensamentos nem desejos impuros.*

—Desejou ou possuiu algumha vez outra mulher que a sua?

Sabot exclamou com sinceridade:

«Ah, nom, isso si que nom, senhor cura! Enganar a minha pobre mulher! Nom! Nom! Nem com a ponta do dedo; nem em pensamento nem em açons. É-lhe bem certo».

Calou uns segundos, depois, em voz baixa, como se lhe surgisse umha dúvida, dixo:

«Nom direi que quando vou à cidade, nom vaia nunca a umha casa, já sabe, umha casa de tolerância, para rir e brincar um

pouco e mudar de ambiente para ver, nom digo que nom... Mas pago, senhor cura, pago sempre, e desde o momento em que se paga, se ninguém o sabe, é como se nom tivesse acontecido». O cura nom insistiu e deu-lhe a absolviçom. Théodule Sabot realizou os trabalhos do coro e comunga todos os meses.